

<https://doi.org/10.26512/pl.v11i22.42047>

Artigo recebido em: 21/02/2022

Artigo aprovado em: 25/08/2022

Artigo publicado em: 19/09/2022

## TEORIA CRÍTICA, *INDÚSTRIA CULTURAL 2.0* E O PRECONCEITO NA INTERNET

### CRITICAL THEORY, CULTURAL INDUSTRY 2.0 AND THE PREJUDICE ON THE INTERNET

### THÉORIE CRITIQUE, *INDUSTRIE CULTURELLE 2.0* ET PRÉJUGÉS SUR INTERNET

*Felipe Sampaio de Freitas*<sup>1</sup>

([felipe.freitas@ifch.ufpa.br](mailto:felipe.freitas@ifch.ufpa.br))

*Carlos Henrique Hildebrando dos Santos*<sup>2</sup>

([carloshenriquehildeb@gmail.com](mailto:carloshenriquehildeb@gmail.com))

85

**Resumo:** A proposta central deste artigo é a de refletir a questão do preconceito contemporâneo e sua reprodução na internet, seguindo os espólios teóricos de dois grandes expoentes da primeira geração da teoria crítica, a saber, Adorno e Horkheimer. Entendendo que a análise de ambos os autores, em torno do preconceito, ocorre no contexto do antissemitismo nacional-socialista e do surgimento de outras ideologias totalitárias, nossa metodologia se insere em uma articulação teórica entre textos dos autores, os quais refletem esse tema e sua possível disseminação através da estereotipia de comportamentos reproduzidos pelos operadores da Indústria Cultural. O resultado dessa investigação nos ajuda não apenas a pensar como discursos de ódio vinculados a diferentes mídias, sobretudo a internet, produzem e reproduzem comportamentos preconceituosos nocivos socialmente, como também podemos remanejar certas metodologias analíticas para frear o fenômeno social em questão, apostando na emancipação dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Preconceito. Teoria crítica. *Internet*. Racismo. Antissemitismo.

**Abstract:** The main purpose of this article is to reflect on the issue of contemporary prejudice and its reproduction on the internet, following the theoretical spoils of two great exponents of the first generation of Critical Theory: Adorno and Horkheimer. Understanding that the analysis of both authors,

---

<sup>1</sup> Doutorando em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará. Mestre e Licenciado em Filosofia pela mesma instituição. Professor de Filosofia.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5536983747166169>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9071-0652>.

<sup>2</sup> Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Pará. Licenciado pela mesma instituição. Professor de Filosofia.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9356427464425269>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9548-4284>.



in relation to prejudice, occurs in the context of National Socialist anti-Semitism and the emergence of other totalitarian ideologies, our methodology is inserted in a theoretical articulation between the authors' texts, which reflect this theme, and its possible dissemination through the stereotyping of behaviors reproduced by operators of the Cultural Industry. The result of this investigation helps us not only to think how hate speeches, linked to different media, especially the Internet, produce and reproduce socially harmful prejudiced behavior, but we can also reassign certain analytical methodologies to curb the social phenomenon in question, betting on the emancipation of the subjects.

**Keywords:** Prejudice. Critical Theory. Internet. Racism. Anti-Semitism.

**Résumé :** Le sujet centrale de cet article c'est la réflexion à la question des préjugés contemporains et de leur reproduction sur l'Internet, en suivant les traces théoriques de deux grands représentants de la première génération de la théorie critique, en savoir, Adorno et Horkheimer. Comprenant que l'analyse des deux auteurs, à respect du préjugé, il émerge dans le contexte de l'antisémitisme national-socialiste et de l'émergence d'autres idéologies totalitaires, notre méthodologie s'insère dans une articulation théorique entre les textes des philosophes qui reflètent ce thème et sa possible dissémination à travers du stéréotype des comportements reproduits par les opérateurs de l'Industrie Culturelle. Le résultat de cette recherche nous aide non seulement à penser comment le discours de haine lié à différents médias, en particulier l'internet, produit et reproduit des comportements préjudiciables pour la société, mais aussi à réorienter certaines méthodologies analytiques avec l'intention d'enrayer le phénomène social en question, en misant sur l'émancipation des sujets.

**Mots-clés :** Préconception. Théorie critique. L'Internet. Racisme. Antisémitisme.

## INTRODUÇÃO: À GUIA DE UMA APRESENTAÇÃO DAS BASES TEÓRICAS

O passado só estará plenamente elaborado no instante em que estiverem eliminadas as causas do que passou. O encantamento do passado pôde manter-se até hoje unicamente porque continuam existindo as suas causas. (ADORNO, 1995, p. 49)

Sem dúvidas, quando nos propomos a discutir uma problemática tão atual e necessária, como a da relação entre dois fenômenos sociais, quais sejam, a popularização da internet e, ao lado disso, o preconceito, somos apresentados a uma variedade de possibilidades reflexivas. Tal debate nos proporciona não apenas identificar o atual *estado da arte* a respeito do assunto, como também nos direciona para uma possível “práxis transformadora” da realidade. Como afirmava Karl Marx, desde meados do século XIX, durante muito tempo, os filósofos apenas interpretaram a realidade, mas agora seria o momento de transformá-la. (MARX, 1999, p. 8)

A citação a Marx não é por acaso, já que buscamos analisar a atualidade do preconceito, a partir de algumas das reflexões realizadas por dois pensadores da primeira geração do *Instituto para Pesquisa Social*, a saber, Adorno e Horkheimer.<sup>3</sup> Quando se fala na “primeira geração da

<sup>3</sup> Coadunamos com o roteiro programático de Amaro Fleck (2017), quando menciona que, metodologicamente, as gerações posteriores à primeira, de algum modo, destoam conceitualmente em função de seus próprios projetos e veredas filosóficas (em especial, aquelas encabeçadas por J.



teoria crítica” (Horkheimer; Pollock; Marcuse; Neumann; Löwenthal; Fromm; Adorno etc.), há uma série de características as quais figuram como “fio-condutor” e que a alocam em algo que chamaremos de “lugar-comum”: por exemplo, a heterodoxa interpretação de textos famosos de Marx – dentre eles, o de maior destaque, *O Capital* (1867) –, no que tange a assuntos referentes aos conceitos de “fetichismo da mercadoria” e de “reificação”.<sup>4</sup>

Segundo Fleck (2017, p. 171), podemos entender a teoria crítica a partir da “contraposição” ao que seria a teoria tradicional, muito embora, os próprios filósofos da chamada “primeira geração” não terem, a rigor, demarcado esses limites conceituais, bem como, suas distinções. Exceto por Max Horkheimer, que afirma de maneira mais definida o sentido de teoria tradicional, como podemos ver: “No sentido usual da pesquisa, teoria equivale a uma sinopse de proposições de um campo especializado, ligadas de tal modo entre si que se poderiam deduzir de algumas dessas teorias todas as demais” (HORKHEIMER, 1980, p. 117). O pensador alemão complementa: “Teoria é o saber acumulado de tal forma que permita ser este utilizado na caracterização dos fatos tão minuciosamente quanto possível” (HORKHEIMER, 1980, p. 117). Temos, assim, alguns dos pontos que dão luz à concepção de teoria, por parte de Horkheimer. Basicamente, eles vão ao encontro do que muitos intelectuais contemporâneos pensam, a respeito dos modos de se fazer ciência hoje: nos referimos à famosa e problemática discussão a respeito da fratria operada entre “ciência moderna” e “ciência pós-moderna”; a primeira, em simples palavras, de núcleo “duro”; e a segunda de núcleo “difuso”. (SANTOS, 1988)

Nesta toada, alçara-se um novo voo *prático-metodológico* nos debates. Novos questionamentos iriam ser inseridos às análises, que não somente os clássicos: aqueles que diziam respeito ao “conteúdo espiritual” da ciência, da arte ou da religião. Agora, também seriam investigadas questões do campo do direito, da moda, dos costumes, da opinião pública, do esporte e do lazer, entre tantos outros temas do cotidiano das sociedades do novo século, os

---

Habermas seriam as mais evidentes). A grande questão não seria necessariamente a mudança do escopo teórico ou da prerrogativa filosófica por detrás das particularidades do pensamento de cada autor. No caso de Habermas quando propôs suas discussões acerca da *ação comunicativa*, teoricamente, não teria estado distante da primeira geração, já que a mudança conceitual-teórica é vista com bons olhos quando se fala em teoria crítica. Contudo, seriam as exigências por um purismo do próprio autor que teria desviado a teoria crítica de seu objetivo inicial. (FLECK, 2017, p. 105)

<sup>4</sup> Os teóricos críticos, oriundos de diversas áreas do conhecimento (das ciências humanas, de maneira geral), questionavam-se a respeito dos espólios deixados pelo marxismo ortodoxo, após, principalmente, a publicação de *O Capital*. Segundo os pensadores, a tradição marxista (em grande medida, de Lukács e Korsch) e a leitura vigente dos textos de Marx – em consequência, sua aplicabilidade prática –, não dariam conta, sozinhos, de livrar a classe trabalhadora da alienação, promovendo sua emancipação. Destarte, após praticamente seis décadas da publicação da *magnum opus* de Marx, o que os teóricos críticos promoveriam seria a “reatualização”, ou, diríamos com nossas palavras, a *ressignificação* do “diagnóstico” do marxismo na sociedade. (FLECK, 2017, p. 101)



quais não estariam pressupostos somente através da égide da economia (HORKHEIMER, 1999, p. 130 apud FLECK, 2017, p. 102). Isso também se configurou como uma crítica à própria classe trabalhadora, na medida em que ela teria perdido seu potencial “caráter opositor” em relação ao capitalismo (FLECK, 2017, p. 102). A ressignificação operada por estes autores tange muitos outros caracteres desta e de outras tomadas teóricas, de saberes diversos, que entregam o caráter único da teoria crítica: o de ser pensada enquanto filosofia social.

Podemos citar: a inclusão de novos métodos de análise, principalmente ao redor da psicanálise freudiana (uma novidade na época);<sup>5</sup> a proposta da interdisciplinaridade, pois, enquanto a teoria tradicional estava circunscrita numa analítica de mundo fechada nela mesma, centrada na área específica de análise do pesquisador (psicologia; economia, sociologia etc.), transitando somente por entre seus próprios artifícios teórico-metodológicos; a teoria crítica, por sua vez, buscava o amálgama conceitual em diversas áreas; além disso, se propôs também a reformulação do que seria a própria filosofia do século XX.

Não mais uma filosofia *cerrada* nela mesma, no sentido da proposição de debates teóricos fechados em si, com conteúdo por vezes abstrato e metafísico, mas uma filosofia que transitaria entre o teórico e o prático, isto é, uma filosofia que utilizasse dados para materializar suas análises, principalmente se pensada for a tarefa do *Instituto*. Daí a filosofia proposta pelo Instituto ser chamada também de filosofia social, por tratar diretamente de temas comuns às outras áreas, como a sociologia e a psicanálise, sem, no entanto, *diluir-se por demais* em outras faculdades e saberes das ciências humanas, preservando seu *status* de filosofia.

Com efeito, desenvolveremos nossa problemática, tendo em vista que a teoria crítica tem como método principal a análise de questões sociais *analítico-materiais*, como as do discurso totalitário; do antissemitismo; do preconceito e da massificação dos meios de comunicação. O tempo em que vivemos, qual seja, o da imersão – diríamos descontrolada – dos sujeitos contemporâneos no uso da internet; e da constituição/formação de subjetividades, que (quase sempre) têm como intermédio o uso, exposição e consumo contínuos das chamadas redes sociais (*social networks*); isto é, neste tempo em que a internet faz, cada vez mais, parte de nossas vidas, chegando a nos fazer dependentes (seja de maneira emocional ou utilitária) dela; é de igual maneira aceito (como que em um consenso geral) também que tais problemas

---

<sup>5</sup> A título de exemplo, lembremos do operador conceitual da “identificação com o agressor” (*identifizierung mit dem Angreifer*), principalmente quando pensada for a disposição da classe trabalhadora em deixar-se domesticar e disciplinar pela burguesia. (FLECK, 2017, p. 102)



sociais tenham se revestido de toda a virtualidade possível no mundo contemporâneo: reatualizaram-se; remoldaram-se; reconfiguraram-se; *algoritmizaram-se*.<sup>6</sup>

Assim, lancemos as seguintes questões: o preconceito, enquanto problema social contemporâneo, se apresenta na internet sob quais facetas? É possível identificar a disseminação do preconceito ou os truques de propagandas fascistas através dos operadores da indústria cultural? Como a herança intelectual da primeira geração da teoria crítica, mais precisamente de Adorno e Horkheimer, poderia auxiliar na analítica destas questões? Desde já, é válido ressaltar que não nos debruçaremos de maneira aprofundada sobre as dimensões psicológicas da assimilação de ideologias preconceituosas. O que propomos aqui é levar uma discussão sobre os aspectos objetivos que condicionam a disseminação de discursos de ódio, ou seja, quais seriam as técnicas empregadas: desde estratégias retóricas até sua assimilação e reprodução através de canais de comunicação de massa, um fenômeno social muito refletido principalmente por Adorno.

Nossa hipótese ou caminho adotado para responder a estas questões, partem do pressuposto de que as intenções mais originais da teoria crítica visavam fazer dela uma prática transformadora da realidade (*práxis*). Para tanto, seria necessário identificar as causas sociais e históricas que proporcionaram o surgimento do preconceito, sobretudo, aquele preconceito de raça circunscrito no contexto do totalitarismo do partido nacional-socialista liderado por Hitler e a persistência de sua ideologia, enquanto discurso de ódio, mesmo após a sua derrocada

---

<sup>6</sup> Algumas produções recentes aludem claramente a este fenômeno, qual seja, a da manifestação de problemas sociais, como o preconceito, o racismo e a exclusão, em ambientes virtuais alocados, em grande parte, sob a sombra da *internet 2.0* e das redes sociais. Tão logo, podemos citar, dentre os mais recentes trabalhos e obras produzidas em solo brasileiro, a organização de Tarcízio Silva, qual seja, *Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiáspóricos* (2020); de recente circulação, que contém textos muito instigantes como os de Trindade (2020), Birhane (2020) e o de Silva (2020); a parceria realizada entre o Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análises de Dados (IBPAD) com o Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura Digital/INTERCOM, que originou a organização de Beatriz Polivanov et. al., qual seja, *Fluxos em redes sociotécnicas: das micronarrativas ao big data* (2019), da qual destacamos o trabalho de Tarcízio Silva (2019). Na perspectiva estrangeira, sem dúvidas, podemos citar o famoso livro de Achille Mbembe, *Crítica da razão negra* (2018), que não é necessariamente sobre a questão do racismo na internet, mas que a aborda de maneira tangencial e, ao nosso ver, prepara esta discussão que é exposta em *Brutalismo* (2020), seu mais recente livro. A introdução da obra de Mbembe já deixa claro o ritmo de sua argumentação: “L’on a beau faire comme si l’accélération technologique et la passage à une civilisation computationnelle constituaient la nouvelle voie vers le salut, tout se passe comme si, en vérité, la courte histoire de l’humanité sur Terre était d’ores et déjà consommée.”; “Por mais que ajamos como se aceleração tecnológica e a passagem à civilização computacional constituíssem o novo caminho para a salvação, tudo se passa como se, na verdade, a pequena história da humanidade sobre a Terra, desde já, tivesse sido consumada”. (MBEMBE, 2020, p. 21, tradução nossa, *Kindle Edition*)



política, em 1945, através da ascensão de partidos neonazistas como a NPD<sup>7</sup>, na Alemanha, e seus novos adeptos.

Dentro desse escopo teórico, não de haver muitos textos, pesquisas e discussões, de Adorno e Horkheimer, sobre o preconceito ocasionado pelo antissemitismo nazifascista. Para delimitarmos nossa discussão e não nos perdermos em um emaranhado bibliográfico, destacamos, como *pedra-de-toque*, os seguintes textos: o escrito intitulado *Preconceito*, publicado nos anos 1950, que é resultado de uma pesquisa inteiramente empírica em parceria com o *Instituto de Pesquisas Sociais* (E.U.A) e o *Grupo de Estudo de Opinião Pública* (Universidade de Berkeley); o texto *Aspectos do novo radicalismo de direita*, fruto de uma palestra de Adorno para a União dos Estudantes Socialistas da Áustria, em 1967; e, por fim, o capítulo *Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*, presente na clássica obra *Dialética do esclarecimento*, também escrito por Adorno e Horkheimer e publicado na década 1940.

Nos dois primeiros textos, os quais tratam do preconceito e dos discursos de ódio antissemita, será possível observar que, principalmente em Adorno, persiste uma análise das técnicas de propaganda da ideologia totalitária, por intermédio dos agitadores fascistas, cada um em seu tempo distinto. Técnicas essas que Adorno se refere como truques retóricos que permitem a disseminação de discursos preconceituosos por intermédio da reprodução de pensamentos estereotipados.

Por sua vez, a articulação dessa problemática com a Indústria Cultural ocorrerá dentro daquilo que Rodrigo Duarte (2014) chama de Indústria Cultural 2.0, isto é, o surgimento de um novo operador industrial, não contemporâneo aos dois autores da teoria crítica aqui abordados, a saber, o fenômeno social da popularização da internet. Sendo necessário, portanto, revisitar quais seriam os operadores clássicos e em que se diferenciam em relação à internet. Por fim, articulando esses textos, espera-se que possamos lançar um olhar para o presente, uma forma “mais contemporânea” de se pensar o preconceito vinculado à internet, por meio da análise da teoria crítica, do preconceito clássico (no sentido de sua reprodução), da indústria cultural 2.0.

## 1 O PRECONCEITO A PARTIR DA TEORIA CRÍTICA: A PROPAGANDA E OS TRUQUES DO TOTALITARISMO

---

<sup>7</sup> Nationaldemokratische Partei Deutschlands (Partido Nacional-Democrático da Alemanha), partido de extrema direita fundado em 1964. (ADORNO, 2020, p. 51)



Em um pequeno e célebre texto publicado, primeiramente, de modo muito resumido, no quarto volume do “*Frankfurter Hefter*”, no ano de 1952, Horkheimer e Adorno expõem os resultados de uma pesquisa social empírica realizada em parceria com *Instituto de Pesquisas Sociais* (E.U.A) e o *Grupo de Estudo de Opinião Pública* (Universidade de Berkeley). Seu objetivo principal era o de debater o problema do preconceito, ou mais precisamente, se tratava de “[...] definir, de um modo coerente e idôneo, quais são as energias humanas mobilizadas, em todos os casos de grande expansão dos movimentos totalitários e sua propaganda” (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 172).

Os filósofos têm previamente a intenção de indicar ao leitor que a ideia de preconceito, a qual será debatida por eles, está inteiramente ligada ao discurso totalitário e ao antissemitismo. A razão para que o debate se desenvolva, apresenta-se sob a hipótese de que o conhecimento “sociológico-científico” pode (e diríamos até que *deve*) servir como ponto crucial para que desastres humanitários, como o da *Shoá/Holocausto*<sup>8</sup>, não se repitam; ou, pelo menos, para que se entendam os perigos do discurso totalitário e seu cruel significado; bem como, da pedagogia da dor que possui o *Lager* (em alemão, *campo*).

91

Na própria *Dialética do Esclarecimento* (1944) fica clara também a relação entre o fascismo e o totalitarismo, no perverso amálgama para com o racismo: “Para os fascistas, os judeus não são uma minoria, mas a antirraça, o princípio negativo enquanto tal; de sua exterminação dependeria a felicidade do mundo” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 139); absurdo este que é aceito devido aos próprios nazifascistas terem-no tornado verdadeiro, i.e, forjado sua verdade a respeito do assunto. Neste sentido, estabelecendo o nexos do tema para com a forma de *se fazer* filosofia, a teoria crítica desenvolve suas denotações diretamente à

---

<sup>8</sup> Na filologia do termo, tanto *Shoá*, quanto *Holocausto*, apresentam de maneira imprecisa o extermínio dos judeus, na Segunda Guerra Mundial, segundo pensadores como Giorgio Agamben (2008). De fato, para o filósofo italiano, segundo o testemunho de diversos sobreviventes, as tentativas de explicação da catástrofe falham sempre, não sendo possível exprimir, com exatidão, o extermínio e a perseguição de milhares de pessoas. Talvez, a palavra correta fosse *martírio*: no sentido daqueles primeiros cristãos que foram perseguidos e davam testemunho de sua fé. Na ânsia pela explicação do ocorrido: “O infeliz termo ‘holocausto’ (frequentemente com H maiúsculo) origina-se dessa inconsciente exigência de justificar a morte *sine causa*, de atribuir sentido ao que parece não poder ter sentido...” (AGAMBEN, 2008, p. 37). Entretanto, *holocaustum*, ou como na *Vulgata*, o *olah*, indicam “os sacrifícios dos Hebreus”, por vezes retratados como inúteis e cruentos; ou (como que por extensão aos mártires) para indicar a comparação, ou equiparação, do “suplício” ao “sacrifício”; e ainda, segundo as pesquisas do italiano, até mesmo em sentido antissemita. (AGAMBEN, 2008, p. 38, 39) E o filósofo segue mostrando que, na ato de se eufemizar o acontecido, criou-se um termo ainda pior: a *Shoá*, que significa “devastação, catástrofe”, e, na Bíblia, segue a ideia de punição. Ademais, se *Shoá* significar uma comparação ao *Holocausto*, como forma de amenizar seu sentido, “O termo não só supõe uma inaceitável equiparação entre fornos crematórios e altares, mas acolhe uma herança semântica que desde o início traz uma conotação antijudaica” (AGAMBEN, 2008, p. 40).



questão da raça e da etnia, devido a característica de seu programa indicar ser, entre tantas, a de tratar de questões “sociopsicológicas da moderna loucura totalitária e para além desta, ao preconceito étnico e nacionalista, em geral” (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 173).

Doravante, é interessante entendermos o seguinte: o antissemitismo, enquanto arquétipo de modelo, no qual impera a potente (in)capacidade de reflexão, é um “[...] esquema profundamente arraigado, um ritual de civilização...” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 141); o que nos leva a constatar que seu “modelo” (ou *modus operandi*) se fincou, infelizmente, nos meandros sociais. Como Adorno e Horkheimer (1985, p. 142) elucidam, “Não existe um genuíno antissemitismo e, certamente, não há nenhum antissemita nato”; o que nos entrega a ideia de que o antissemitismo extravasa seus próprios limites semânticos, passando a se vascularizar, como modelo de racismo, exclusão e perseguição, por entre os indivíduos na sociedade. O papel da sociologia seria justamente o de averiguar tais fenômenos sociais, mas de um modo diferente ao tradicional uso de estatísticas e burocracias, consideradas “desumanas”, aos olhares dos filósofos. Ao contrário, buscara-se identificar o *locus* do indivíduo de “caráter autoritário”, por meio de análises político-ideológicas e psicológicas. (HORKHEIMER & ADORNO, 1978, p. 173)

92

No contexto da investigação empírica, a estratégia adotada estava inserida na “[...] ligação entre ideologia política e características psíquicas dos que se convertem em seus adeptos” (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 173). Com efeito, esta pesquisa oferece resultados independentes de questões políticas e condições econômicas ou geográficas, pois, ainda que estas condições sejam objetivas e possam estar relacionadas, o foco dos autores estava centrado nas características psíquicas dos indivíduos que aderem à políticas totalitárias. De todo modo, acenavam para o fato de que essa adesão poderia estar vinculada tanto a motivos internos aos sujeitos, isto é, a uma dimensão das estruturas psíquicas das pessoas, como a motivos externos, ou, condições objetivas e sociais para seus acontecimentos.

Por exemplo, estruturas psíquicas cerceadas pelo discurso de ódio e de preconceito seriam o resultado de fenômenos contemporâneos advindos de modificações, da própria estrutura familiar, da desintegração da propriedade (como a média, em alguns setores) e da impossibilidade de uma economia autossuficiente (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 173).<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> É válido chamarmos atenção para o entendimento de que tais efeitos político-econômico-sociais também se encontram na esteira dos estudos críticos a respeito do neoliberalismo, sendo temas de profícua discussão ainda hoje. Apesar do neoliberalismo ter sido aplicado enquanto programa político somente a partir dos anos oitenta, ele já era objeto de debates teóricos, desde a década de trinta, se tomarmos como base a data de execução do famoso *Colloque Walter Lippman* (França, 1938). (BROWN, 2019; DARDOT; LAVAL, 2016; DE FREITAS, 2020)





Ainda que não seja perfeitamente possível explicar psicologicamente o surgimento do totalitarismo, um estudo sobre o preconceito “tende a reconhecer a participação do momento psicológico nesse processo dinâmico em que operam a sociedade e o indivíduo” (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, pp. 173-174). Torna-se evidente, portanto, que para os autores há uma dificuldade na análise do indivíduo, abstraída da sociedade, bem como, o inverso, uma vez que: “As grandes leis do movimento social não regem por cima das cabeças dos indivíduos, realizando-se sempre por intermédio dos próprios indivíduos e de suas ações” (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 173).

93 Sobre a metodologia descrita pelos autores, para a realização desta investigação empírica realizada entre os anos de 1933 e 1941, nos Estados Unidos, pode-se compreender que foram analisados tanto os posicionamentos de “pessoas comuns”, como também os comportamentos dos agitadores fascistas e suas técnicas de propagandas para seduzir aqueles primeiros. No que diz respeito ao posicionamento daquelas pessoas, foram utilizados 200 questionários distribuídos aos participantes que, por sua vez, deveriam se posicionar a respeito de três categorias distintas: “à atitude dos sujeitos sobre as minorias étnicas e religiosas; os seus pontos de vista sobre os problemas políticos e econômicos em geral eram objeto da segunda categoria; e a terceira ocupava-se de suas opiniões e comportamentos privados” (HORKHEIMER; ADORNO, 1977, p. 174).

Por sua vez, na análise dos agitadores fascistas, os pesquisadores se referem aos chamados *rabble rousers* (pequenos grupos antissemitas de agitadores americanos que simpatizavam com Hitler, principalmente no período em que ocorreu a pesquisa). Buscara-se compreender, através da coleta de material propagandístico e escuta radiofônica, como atuavam estes indivíduos, no sentido de entender-se quais eram suas técnicas de abordagem para atrair novos adeptos às suas ideias, levando em conta todas serem de cume e propensão nazistas. O resultado indicou que as técnicas utilizadas pelos *rabble rousers* tinham uma mesma emotividade expressa na própria propaganda hitleriana, apesar de os sujeitos envolvidos (nazistas e simpatizantes) diferirem (ao menos parcialmente) (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 174). Dentre essas semelhanças, os autores destacam as técnicas de propaganda, as quais são classificadas como fórmulas padronizadas de truques retóricos previamente “cozinhados”.

A todo o momento, os instrumentos de propaganda do tipo nazista são rígidos estereótipos de pensamento e repetições constantes. Com esses meios as reações vão sendo gradualmente embotadas, confere-se à trivialidade propagandística uma espécie de auto-



evidência axiomática e as resistências da consciência crítica são minadas. A isso se deve que da massa de discurso e literatura do ódio seja possível extrair e expressar em fórmulas um número limitadíssimo de truques retóricos padronizados, todos eles previamente cozinhados (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, pp. 174-175).

Os autores destacam a centralidade da forma de pensamento estereotipada na reprodução do preconceito. A principal forma de estereotipia descrita no texto está relacionada aos “clichês do próprio orador”, ou ainda do líder que se põe como um indivíduo comum e simples, mas que ao mesmo tempo é portador de uma genialidade e iluminação únicas; que se coloca no lugar de quem procura por apoio e influência e que, no entanto, se encontra quase sempre a sós, com “sua própria força”.

Ele apresenta-se como o grande homem comum idêntico a todos os outros e, além disso, um gênio – impotente, mas iluminado pelos reflexos do poder, homem comum e, ao mesmo tempo, semideus: assim Hitler se refere a si mesmo como o soldado da Grande Guerra ou o tambor do regimento (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 175).

94

Deste modo, o líder costuma fazer com que os indivíduos se sintam à vontade com sua presença, assim, internalizando seu discurso, quase sempre colocando-se como simples pessoa e proporcionando satisfazer as necessidades de calor e proximidade de seus seguidores. A técnica do líder faz com que os indivíduos possam se entender enquanto próximos – no sentido mesmo de sua suposta potência transformadora – dele, e, ao mesmo tempo, distantes; preservando seu *status* de homem comum/divino. O líder é quase sempre um solitário. Fator que também faz parte da criação do *ethos* do líder autoritário, o que atrai diversas pessoas, fazendo crerem que a propaganda é algo bom (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 175).

Uma vez estabelecida essa posição de proximidade e de distanciamento do líder nazista, ao mesmo tempo em que estabelece uma espécie de identificação e aceitação, o seu discurso estereotipado encontrava-se livre para avançar. Como os autores afirmam, no próprio *Mein Kampf*, Hitler mesmo recomendava “a subdivisão do mundo em ovelhas brancas e ovelhas negras, os bons, a cujo grupo se pertence, e os maus, ou seja, o inimigo criado expressamente para as finalidades da demagogia” (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 175). Com esse discurso, implantava-se a ideia de que o mundo estaria dividido de duas formas: de um lado, aqueles que são os “mocinhos” – gerando uma identificação com seus ouvintes – e os “bandidos” – do outro lado, os quais poderiam livremente receber, da parte daqueles identificados com o discurso nazista, a carga de todo o ódio a eles destinado.



Se nos voltarmos a Freud, principalmente em relação à temática do “narcisismo das pequenas diferenças”, podemos também ter um enquadramento panorâmico a respeito do racismo e da exclusão do *outro*; exclusão que, no caso, é representada por Horkheimer e Adorno através da ideia de grupos. Em um texto de 1918, intitulado “O tabu da virgindade”, o psicanalista alemão se volta à questão dos tabus que são instituídos socialmente, os quais, segundo ele, recobrem algum tipo de medo, no caso, de indivíduos os quais ele chamou de “homens primitivos” (FREUD, [1918] 1976, p. 193). A investida teórica de Freud atenta às diferenças entre homens e mulheres: eles teriam receio de serem contagiados pela feminilidade delas. O psicanalista segue admitindo que esta não é uma marca obsoleta em nós, sendo ainda presente. Assim, é a partir das chamadas *pequenas diferenças* que os indivíduos se afastam uns dos outros, ainda que sejam muito mais iguais do que diferentes:

Crawey, [num estudo sobre o homem primitivo], assinala que cada indivíduo se separa dos demais por um “tabu de isolamento pessoal” e que justamente em suas pequenas diferenças, não obstante a semelhança quanto a todo o resto, se fundamentam os sentimentos de estranheza e hostilidade entre eles (FREUD, [1918] 1976, p. 193).

95

Freud quer mostrar, segundo Fuks (2007, pp. 61-62), que estas “pequenas diferenças” se encontram na constituição do *eu*, do *nós* e do *outro*, e que seu “paroxismo” produz o que entendemos por racismo e segregação, além de preservar o chamado “narcisismo de unidade” entre os gêneros; ademais, as *pequenas diferenças* que afligem os indivíduos, abrem espaço para os debates sobre tolerância/intolerância, ao mesmo tempo em que levam a psicanálise às discussões políticas. Em outro plano, na modernidade, o homem acabou por não conseguir entender a emancipação da mulher, ainda no século XIX; principalmente, se for tomado como modelo o homem primitivo: dominador. Este “resto pulsional” permanece presente na cultura moderna. (FUKS, 2007, p. 62)

Uma vez contaminados por essa estereotipia de pensamento, qual seja, do “nós contra eles”, as pessoas que irão aderir ao nazismo são capturadas e perdem a capacidade crítica sobre o desfile dos truques retóricos do líder. “As massas são incentivadas a evadir-se da realidade e adestradas a conformar-se, de um modo geral, com espetáculos circenses, que rapidamente adquirirão formas muito mais emocionadas do que as de um comício de propaganda” (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 176). Estes aspectos das técnicas dos agitadores de propagandas nazifascista, vinculados à reprodução do preconceito por intermédio de estereótipos de pensamento, parece representar um ponto decisivo nas reflexões dos



autores da primeira geração da teoria crítica até aqui citados. Em especial, Adorno, o qual retornará a essa discussão em um outro contexto, que apresentará também tais semelhanças objetivas.

Anos depois, em 1967, quando Adorno ministra a palestra intitulada “*Aspectos do novo radicalismo de direita*”, dada à União dos Estudantes Socialistas da Áustria, ele tinha como alvo o fato de que o NPD (Partido Neonazista), fundado em 1964, ganhava gradativamente mais expressividade no campo da extrema direita. Como afirma Adorno (2020, p. 45), “os pressupostos dos movimentos fascistas, apesar de seu colapso, ainda perduram socialmente, mesmo se não perduram de forma imediatamente política”. Essa permanência, ou renovação de movimentos fascistas, é descrita pelo filósofo alemão como o alcance dos truques de propagandas neonazistas, muito semelhante ao que analisava junto a Horkheimer, no contexto da pesquisa empírica. Segundo Adorno (2020), apesar do baixíssimo nível intelectual empregado dentre esses movimentos de grupos totalitários inspirados no III Reich, ainda há certo grau de racionalização operado, por isso, não devendo ser subestimados.

Creio que seria uma falta total de senso político se acreditássemos, por causa disso, que eles são malsucedidos. O que é característico desses movimentos é muito mais uma extraordinária perfeição dos meios, a saber, uma perfeição em primeiro lugar dos meios propagandísticos no sentido mais amplo, combinado com uma cegueira, com uma abstrusidade dos fins que aí são perseguidos (ADORNO, 2020, p. 54).

Ao mesmo tempo, é possível perceber a crítica à razão instrumental – algo muito comum entre os filósofos da primeira geração, presente na *Dialética do esclarecimento* –, qual seja, a tese de que essa razão, que prioriza o aperfeiçoamento dos meios, em detrimento dos fins, está contida na marcha triunfal do esclarecimento dominador. Como afirma Adorno (2020, p. 54), “corresponde de certo modo à tendência geral civilizatória que resulta em uma tal perfeição dos meios, enquanto, na verdade, a finalidade geral da sociedade é ignorada”. Com efeito, os meios propagandísticos, bem-sucedidos, empregados pelos movimentos totalitários, representam o aperfeiçoamento dos meios racionais, cujos fins são irracionais. A estratégia continua sendo, portanto, o aperfeiçoamento das técnicas de propaganda, classificadas em truques retóricos dos agitadores fascistas-neonazistas.

Assim como outrora com os nazistas, a propaganda é realmente a substância mesma coisa. Se os meios são substituídos pelos fins em uma medida crescente, então pode-se quase dizer que, nesses movimentos de direita radical, [...] a propaganda constitui, por sua



vez, a substância da política. E não é nenhum acaso que os assim chamados líderes [*Führer*] do nacional-socialismo alemão, Hitler e Goebbels, eram justamente, em primeiro lugar, propagandistas; e a produtividade e a fantasia deles entrou na propaganda. (ADORNO, 2020, p. 55)

De modo semelhante ao texto sobre o preconceito, Adorno (2020) também identifica no movimento radical de direita alemão, a técnica de propaganda enquanto truque retórico, ao mesmo tempo em que enumera uma série de alvos, os quais eram identificados como os inimigos desse movimento: podemos destacar o medo do Comunismo e do Intelectual de esquerda.<sup>10</sup> Dos truques de propaganda enquanto meio de reafirmar o antissemitismo, podemos citar dois que possuem semelhança.

O primeiro é o “método salame”, uma expressão alemã que designa um mecanismo de cortar por pedaços um todo maior e mais complexo, reduzindo-o paulatinamente, até a sua completa inexistência. Este truque era utilizado para gerar desconfiança sobre os números de judeus assassinados pelos nazistas, até causar-se a completa desconfiança do fato ocorrido. “E então se diz: ‘Sim, não foram seis milhões, mas somente cinco e meio’, e uma vez lá, então começa-se a suspeitar se eles de fato foram assassinados, e por fim apresentam como se na verdade tivesse sido o contrário” (ADORNO, 2020, p. 70).

Outro truque apontado, seria o da usurpação da verdade pela inverdade, o qual se refere à tática de se retirar a observação verdadeira de um contexto maior, deixando-a isolada do resto, como se fosse independente. Trata-se, neste caso, de tomar o verdadeiro a serviço de uma ideologia não verdadeira. Como afirma Adorno (2020, p. 65), “por exemplo quando dizem: ‘Antes de ele ter feito aquela guerra idiota, com Hitler estava bastante bom para a gente’, sem que se veja que toda essa conjuntura entre 1933 e 1939 só foi possível por meio da frenética economia de guerra, da preparação para a guerra”. A semelhança entre os dois truques é a de que se objetivava implantar a falsa consciência do passado, por meio da manipulação de dados e, em consequência, da realidade.

De qualquer forma, o que permanece presente nos dois momentos distintos, nos quais o antissemitismo é analisado, são os truques retóricos que estão a serviço da difusão de pensamentos estereotipados para manipular e transformar as pessoas em massas receptíveis às ideologias preconceituosas. “A propaganda é, portanto, sobretudo uma técnica de psicologia de massas. Subjacente a isso está o modelo da personalidade fixada na autoridade, hoje tal como na época de Hitler ou nos movimentos da *lunatic fringe*, nos Estados Unidos, ou onde for” (ADORNO, 2020, p. 67).

---

<sup>10</sup> Cf. Adorno (2020, pp. 60-61).



## 2 INDÚSTRIA CULTURAL: UMA ESTRATÉGIA PARA PENSAR O PRECONCEITO

Precisamos agora analisar de que maneira os operadores da indústria cultural poderiam estar a serviço da reprodução em massa dos estereótipos preconceituosos antissemitas. Antes de tudo, é necessário lembrar que Adorno e Horkheimer não experimentaram o fenômeno da globalização e da digitalização, isto é, da popularização do acesso à internet. Quando eles realizaram a crítica da indústria cultural, na década de 1940, seus olhos estavam voltados para os meios *analógicos* de comunicação em massa, por exemplo: a televisão, o rádio, revistas e até mesmo o cinema. Por meio desses veículos de comunicação, os autores buscavam denunciar um engenhoso sistema, tanto de manipulação, quanto de produção de pensamentos e comportamentos padronizados.

Pois a cultura contemporânea oferece a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos o são em conjunto. Até mesmo as manifestações estéticas políticas opostas entoam o mesmo louvor do ritmo de aço. Os decorativos prédios administrativos e os centros de exposição industriais mal se distinguem nos países autoritários e nos demais países. Os edifícios monumentais e luminosos que se elevam por toda parte são os sinais exteriores do engenhoso planejamento das corporações internacionais, para o qual já se precipitava a livre-iniciativa dos empresários, cujos monumentos são os sombrios prédios residenciais e comerciais de nossas desoladoras cidades. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 99)

Com este diagnóstico panorâmico de seu tempo, os autores introduzem a denúncia de que os mais diversos setores produtivos humanos se encontram sob os efeitos de um inescapável ritmo de industrialização, cujo sintoma é sua padronização e, seu fim, o de atender aos interesses do capital. Sob o monopólio da indústria, tudo o que é fabricado não passa de um negócio, sendo incumbido aos meios de comunicação a função de grandes legitimadores desse sistema.

Nesse sentido, o cinema e o rádio, que não precisam mais se apresentar como arte, atuam como os meios centrais, ou ainda, como a ideologia de reprodução de seus conteúdos. “Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 100). A dúvida desaparece devido a um esquema muito bem planejado de manipulação dos interesses do público-alvo desse



sistema, a saber, o engodo de que esses produtos teriam sua origem nas próprias necessidades de seus consumidores.

Para Adorno e Horkheimer (1985), o que é mascarado com essa ideologia é o fato de que por trás desse esquema estão contidos os interesses de uma classe economicamente mais poderosa, ou seja, daqueles que detém o poder sobre todo o maquinário técnico, o qual padroniza modos de pensar e agir dentro da sociedade. “A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 100). Os autores denunciam, deste modo, os traços tecnocráticos da indústria cultural, onde a própria questão da técnica é observada sob a perspectiva da dominação e da padronização.

Para todos os efeitos, a técnica, pelo menos no sentido discutido em torno da indústria cultural, promove o avanço e aperfeiçoamento dos diversos meios por onde a relação de dominação é estabelecida; ela faz com que os autores não apresentem nenhum tipo de otimismo social diante de seus avanços. “Por enquanto, a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 100).

99

Por indústria cultural se entende, então, um grande e complexo sistema que visa à manutenção de desigualdades sociais, não perceptíveis ao público consumidor, já que sua real intenção é velada pela falsa consciência de progresso, vendida pelos seus operadores técnicos. A crítica da indústria cultural se trata, portanto, de uma crítica da dominação social, não por intermédio de uma repressão violenta (física), ou mesmo laboral (do trabalho nas fábricas industriais), mas sim por intermédio de diversos setores culturais. É a partir deste contexto que Rodrigo Duarte (2014) denomina como os “operadores clássicos da indústria cultural” os meios ou as formas por onde esse engenhoso sistema é realizado, dividindo-os em cinco grandes operadores decisivos: a manipulação retroativa; a usurpação do esquematismo; a domesticação do estilo; a despotencialização do trágico e o fetichismo da mercadoria cultural.

Destaquemos os dois primeiros, por se referirem diretamente à nossa presente discussão. Segundo Duarte (2014), a manipulação retroativa diz respeito ao modo ele-próprio de formulação da ideia de que a indústria cultural fornece à massa apenas aquilo que esta necessita, a saber, o entretenimento. Por conseguinte, essa demanda, que já existiria antes mesmo do advento da indústria, passa a ser monopolizada pelas inovações técnicas e tecnológicas do século XX, por exemplo, o cinema e o rádio. Deste modo, a indústria retira de si a culpa pelo seu conteúdo de baixa qualidade. “Uma vez que essas agências não são entidades filantrópicas ou educacionais, representando pura e simplesmente



interesses privados no lucro, não se poderia reprová-las por oferecerem produtos inacreditavelmente ruins” (DUARTE, 2014, p. 100).

Com essa desculpa, os operadores da indústria cultural preparam um engenhoso plano de manipulação para se certificarem que seus conteúdos serão consumidos na mesma proporção que são produzidos. Por isso, é necessário se manter cada vez mais próximo das massas para compreender seus anseios.

Exatamente na ideia da "manipulação retroativa" encerra-se o segredo de a indústria cultural, simultaneamente, atender à demanda das massas por entretenimento e impor determinados padrões, tanto de consumo como de comportamento moral e político. Sobre esse ajuste da oferta à demanda, Lary May relata que Samuel Goldwin, fundador da Metro-Goldwin-Mayer, tinha o costume de se colocar, durante uma projeção comercial de filmes, de costas para a tela e de frente para a plateia, com o propósito de perceber o mais precisamente possível as reações do público a cada cena e, com isso, acumular conhecimentos sobre o gosto popular que poderiam ser úteis nas produções posteriores. (DUARTE, 2014, pp. 314-315)

100 Por sua vez, “a usurpação do esquematismo” complementa esse secreto plano de manipulação orquestrado pela indústria em favor do capital privado. Esse segundo operador trata da própria usurpação do esquematismo kantiano: “Na alma devia atuar um mecanismo secreto destinado a preparar os dados imediatos de modo a se ajustarem ao sistema da razão pura. Mas o segredo está hoje decifrado” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 103). Com isso, conforme explica Duarte (2014), se para Kant, nos juízos do entendimento, responsáveis pela produção de conceitos, participam elementos que são internos ao sujeito, isto é, as chamadas categorias *a priori* do conhecimento, na indústria cultural, por sua vez, essas categorias foram todas usurpadas, pois enquanto uma caricatura do esquematismo kantiano, esse novo esquema pré-fabricado “deve gerar uma previsibilidade quase absoluta na recepção dos seus produtos, a qual é o correlato subjetivo de sua padronização, que, por sua vez, é oriunda do supramencionado mecanismo de manipulação retroativa” (DUARTE, 2014, p. 317).

Deste modo, o consumidor cultural não precisa mais pensar, pois a própria indústria já faz isso por ele com suas fórmulas padronizadas. É assim que os filmes sonoros, “proíbem a atividade intelectual do espectador, se ele não quiser perder os fatos que desfilam velozmente diante de seus olhos” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, pp. 104-105), ao mesmo tempo em que modelam moralmente os espectadores através do “espírito esportivo” e de perseverança do protagonista do filme, apresentados por intermédio da fórmula pronta do “*getting into trouble and out again*” (meter-se em apuros e depois safar-se).





A seguir, no rádio, liquida-se qualquer possibilidade de desafio ao ouvinte, não só pelo fato de que na rádio oficial “todo traço de espontaneidade no público é dirigido e absorvido, numa seleção profissional, por caçadores de talentos, competições diante do microfone e toda espécie de programas patrocinados” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, pp. 100-101), mas também porque “ao escutar a música ligeira, o ouvido treinado é perfeitamente capaz, desde os primeiros compassos, de adivinhar o desenvolvimento do tema e sente-se feliz quando ele tem lugar como previsto” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 103). Por fim, a televisão completaria essa engenhosa manipulação retroativa somada a usurpação do esquematismo.

A televisão visa uma síntese do rádio e do cinema, que é retardada enquanto os interessados não se põem de acordo, mas cujas possibilidades ilimitadas prometem aumentar o empobrecimento dos materiais estéticos a tal ponto que a identidade mal disfarçada dos produtos da indústria cultural pode vir a triunfar abertamente já amanhã – numa realização escarninha do sonho wagneriano da obra de arte total. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 102)

101

Com a televisão, a indústria cultural leva a cabo o seu próprio modo de totalização da vida, onde os indivíduos são adestrados, impedidos de classificar, refletir ou até mesmo imaginar, pois a própria indústria já antecipou tudo isso com suas produções, de forma estereotipada. Portanto, todos aqueles a quem esse poderoso sistema alcança se convertem em meras massas de receptores passivos de todo o seu conteúdo reproduzido pelos seus operadores técnicos, seja como ouvintes, espectadores ou mesmo telespectadores. É assim que a indústria cultural padroniza opiniões e posicionamentos políticos: através de clichês e estereótipos disfarçados em propagandas comerciais.

O que é salutar é o que se repete, como os processos cíclicos da natureza e da indústria. Eternamente sorriem os mesmos bebês nas revistas, eternamente ecoa o estrondo da máquina de jazz. Apesar de todo o progresso da técnica de representação, das regras e das especialidades, apesar de toda a atividade trepidante, o pão com que a indústria cultural alimenta os homens continua a ser a pedra da estereotipia. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 123)

Nesse sentido, os autores denunciam que nos moldes da indústria cultural não há espaço para a formação de indivíduos autênticos, pois as “particularidades do eu são mercadorias monopolizadas e socialmente condicionadas, que se fazem passar por algo de natural” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 129). Enquanto consumidores passivos das técnicas de controle da indústria cultural, as massas se tornam o alvo fácil do discurso do líder totalitário, reforçando, assim, as implicações políticas indelévels da crítica da



indústria cultural. Trazemos à tona, então, um trecho importante da obra escrita a quatro mãos, o qual nos indica o caminho das pedras para identificarmos a reprodução do preconceito no totalitarismo alemão *via* indústria cultural. A função de Hitler, enquanto líder e porta-voz da ideologia antissemita, era reproduzida massivamente através de um *médium* importante da indústria cultural.

O rádio torna-se a voz universal do Führer; nos alto falantes de rua, sua voz se transforma no uivo das sirenes anunciando o pânico, das quais, aliás, a propaganda moderna é difícil de distinguir. Os próprios nacional-socialistas sabiam que o rádio dera forma à sua causa, do mesmo modo que a imprensa fizera para a Reforma. O carisma metafísico do Führer, inventado pela sociologia da religião, acabou por se revelar como a simples onipresença de seus discursos radiofônicos, que são uma paródia demoníaca da onipresença do espírito divino (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 132)

Os autores denunciam a conivência entre o grande elixir da indústria cultural, isto é, a publicidade mercadológica e a propaganda do discurso antissemita. “Um belo dia, a propaganda de marcas específicas, isto é, o decreto da produção escondido na aparência da possibilidade de escolha, pode acabar se transformando no comando aberto do Führer” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 132). Ou seja, os autores não escondem a desconfiança sobre a relação entre os fins econômicos capitalistas da indústria cultural e os discursos antissemitas, acenando para a possibilidade de as mercadorias culturais serem vendidas ao mesmo tempo em que a ideologia fascista é reproduzida e aceita sem nenhuma resistência. “O Führer ordena de maneira mais moderna e sem maior cerimônia tanto o holocausto quanto a compra de bugigangas” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 132).

Por fim, os autores demonstram a duplicidade que o próprio termo publicidade possui. De um lado, se refere ao fato de que tudo é um produto a ser comercializado. Logo, “tudo aquilo que não traga seu sinete é economicamente suspeito” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 134). Por outro lado, a publicidade é encarada também como a própria estratégia de políticas totalitárias, onde “Goebbels identificou-a premonitoriamente, *l’art pour l’art*, publicidade de si mesma, pura representação do poder social” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 135).

Tudo isso corrobora com o que Adorno afirmava em sua palestra de 1967, qual seja que apesar da ausência de qualquer teoria, o movimento fascista avança tendo em vista a sua extraordinária capacidade de aperfeiçoar-se. Dentro do conceito de propaganda no sentido mais amplo, na qual o filósofo irá falar para os estudantes na Áustria, pode-se pensar como momento constituinte dessa propaganda os instrumentos de mídia social no seu sentido clássico, como forma de ampliar o alcance e maximizar os discursos de ódio e de preconceito.



### 3 O PRECONCEITO COMO DOMINAÇÃO SOCIAL NA ERA DA *INTERNET 2.0*

Antes de tudo, faz-se necessário atentarmos à seguinte questão: o preconceito, na internet, é debatido fortemente sob outras gamas teóricas, nos exigindo o esforço interpretativo do mesmo em relação à teoria crítica, fator este que não quererá dizer, da nossa parte, a sobreposição de uma discussão sob a outra; tampouco, a total adequação entre as temáticas. Entendemos que filósofos como Adorno e Horkheimer falam para seu tempo. A grande questão é, sobretudo, entendermos o que há de dialético no pensamento dos autores. Ou seja, encontrarmos aquilo que nos permita a apropriação de seus discursos, utilizando-os como vetoriais teóricos à formulação de análises críticas de nosso tempo. É importante frisar também que algumas discussões em teoria crítica já são muito famosas e adequadas ao tema da internet, como aquelas que giram ao redor do contexto da estética.

103

Com o conceito de *indústria cultural 2.0*, Duarte (2014) verifica algumas transformações no esquema de manipulação retroativa clássica, sobretudo, no que diz respeito a condição dos consumidores. As mídias analógicas, como a televisão e o rádio, determinavam a posição dos consumidores como meros recebedores passivos das mensagens e dos conteúdos padronizados, impedindo, por vezes, uma resposta imediata do público. A relação, portanto, era unidirecional, já que quem detinha a posse dos meios materiais determinava qual conteúdo seria reproduzido. Como afirmam Adorno e Horkheimer (1985, p. 100), ao comparar o rádio com o telefone, mencionam: “Liberal, o telefone permitia que os participantes ainda desempenhassem o papel do sujeito. Democrático, o rádio transforma-os a todos igualmente em ouvintes, para entregá-los autoritariamente aos programas, iguais uns aos outros, das diferentes estações”. Até esse momento, o público só era admitido enquanto receptor de conteúdos, não como emissor, uma das características mais evidentes da crítica da indústria cultural, em seu modelo clássico.

Na chamada indústria cultural hodierna, seu principal meio de reprodução tornou-se a internet, a qual permite a chamada interatividade, “estruturado de modo a permitir respostas imediatas e descomplicadas, por parte do receptor da mensagem, que, a todo momento, tem a condição de se tornar ele próprio emissor de conteúdos” (DUARTE, 2014, p. 332). A popularização do uso de novas mídias sociais, evidentemente não contemporâneas aos filósofos frankfurtianos, tais como *Facebook; Live Messenger; Skype; Instagram; Twitter* etc., nos dá a possibilidade de resistência aos operadores da indústria cultural. Entretanto,



Duarte (2014) chama atenção para o fato de que não apenas as mídias se aperfeiçoaram, como os próprios operadores também passaram por essa transformação.

Segundo Duarte (2014), apesar de reconhecer o papel democratizante das redes sociais em certos acontecimentos do mundo contemporâneo, os próprios meios de coerção dos operadores da indústria cultural se aperfeiçoaram. Entre tais meios, o da manipulação retroativa. Para explicar isso, o autor recorre a uma reflexão realizada por Chrispöth Türcke que denominou esse aperfeiçoamento como “coerção à emissão”, isto é, onde se tem acesso a essas mídias, “a pessoa é coagida a emitir dados permanentemente, sob pena de cair até mesmo num estado depressivo” (DUARTE, 2014, p. 334). Destarte, para não correr esse risco, na era da indústria cultural 2.0, deve-se emitir a todo momento um conteúdo pelas redes sociais na internet, seja por qual conta ou motivo for.

Em relação a indústria cultural clássica, as massas não emitem conteúdos, pois não detém a posse dos aparatos técnicos de transmissão, ficando a cargo dos poderosos executivos determinarem o que deve ser transmitido, inclusive os conteúdos de baixíssima qualidade estética ou política. No âmbito da indústria cultural 2.0, apesar de ser mais comum o acesso as mídias de emissão de conteúdos, sobretudo digitais, a coerção à emissão obriga as massas ao ato de emitirem ou mesmo reproduzirem conteúdos de qualquer natureza. Inclusive, em analogia, na mesma qualidade ou até pior que na indústria cultural clássica. Nesse sentido, o que interessa é emitir, dizer ou expor alguma coisa, para não se tornar alguém que permanece anônimo, “na presença de um *horror vacui*: a agitação da angústia de se poder cair no abismo do não-percebido” (TÜRCKE, 2004, p. 64).

São famosos os textos de Duarte (2011) Buriel e Campello (2017), a respeito do tema. Eles seguem o ritmo da atualização dos fenômenos estéticos de controle de massa, que antes eram viabilizados por outras engenhocas/ inovações tecnológicas da época dos autores alemães (como o rádio, o cinema e a nascente indústria de sonoplastia). No entanto, hoje, encontram-se, segundo Duarte (2011, p. 91, tradução nossa) sob “a versão dos *softwares* de nossos computadores”.

Seguem as palavras de Duarte:

No que se refere à matriz tecnológica da indústria cultural global, é evidente que ela é marcada pelo surgimento e pela evolução no campo do registro, geração e transmissão de sons e imagens por meio digital, visto que este sistema é muito mais flexível, permitindo a compressão de informações tratadas como dados computacionais e economizando tanta capacidade de transmissão, que sons e imagens de alta qualidade podem ser transmitidos até por meio de



cabos telefônicos. Além disso, por meio de satélites com transmissão digital, centenas de canais de televisão podem ser oferecidos em todo o mundo. (DUARTE, 2011, p. 107, tradução nossa)

Sobretudo, se levarmos em conta que a *internet 2.0* só esteve presente nas casas da maioria da população mundial a partir do final da década de noventa, devemos redobrar nosso cuidado analítico, bem como, a acuidade teórica do uso das estratégias metodológicas sobre o tema. À guisa dos fenômenos estéticos, levantamos a hipótese de que o preconceito está manifesto pelos meandros do virtual, enquanto fenômeno digital, em seus diversos *bits*, *pixels*, e sua inimaginável velocidade, *viral*, de expansão pela rede. Como já visto, o preconceito, para teóricos como Adorno e Horkheimer, não é algo inato aos seres humanos, mas um elemento sociocultural. Segundo Crochík (1996, p. 47) “[...] ele se instala no desenvolvimento individual como um produto das relações entre os conflitos psíquicos e a estereotipia do pensamento...”, o que nos permite assimilar que o preconceito parte daquilo que nos objetiva externamente (formação da cultura e sociedade) e vai à nossa constituição enquanto sujeitos (pensamentos, ações e deliberações cotidianas).

105

Quando fora concebida e, sobretudo, experienciada, em seus primeiros momentos, a internet fora pensada com vistas ao futuro, enquanto promessa global de integração da sociedade. O sonho que se tinha a respeito da invenção era o de que se reduziriam barreiras que antes eram comuns entre os indivíduos: a distância física seria substituída pelo virtual; a iminente “aldeia global” seria o futuro da civilização; falou-se até em uma plena *tecnodemocracia* (MOROZOV, 2011; LÉVY, 1999). Hoje, muitos autores não tardam em dizer o contrário: as promessas a respeito da invenção sofreram modificações.

Conglomerados e empresas riquíssimas colecionam dados a nível global para entender o melhor funcionamento do mercado e seu “comportamento”, visando o lucro (MOROZOV, 2018). No âmbito subjetivo, a internet apresenta-se como ambiente de *hiperpositividade* – principalmente se olharmos para as chamadas *social networks* (redes sociais) – ao mesmo tempo em que chegam a estourar os índices e estatísticas de depressão, TDAH’s, *burnouts*, *boderlines* etc., assim, escancarando as diversas sublevações escamoteadas em meio ao espetacular sonho que se teve um dia a seu respeito (HAN, 2017, 2018). Há quem levante dados sobre a realidade do antes e depois da contínua exposição dos sujeitos à internet, mostrando seus efeitos a nível de dependência corporal/somática (TRIMMEL, 2017).

Na política, o jogo também se modificou: da feita em que a internet figura como ferramenta direta no enviesamento da escolha de candidatos, os chamados *big-data* e seus agentes seriam responsáveis pela morte da política (MOROZOV, 2018).



Mas, é claro, deve-se assumir que hoje somos mais informados que antes, e que temos maior facilidade e agilidade para resolvermos certos problemas, pessoais ou de trabalho. Contudo, seria ingênuo acreditar que questões de ordem social, como as do racismo e do preconceito, não teriam sua manifestação meio a este cenário.

Tarcízio Silva (2020) é direto quanto a este ponto: a internet e as diversas possibilidades de sermos o que quisermos – o que ele chama de “*self* cambiante” – num simples ato de trocar de janela, nas inúmeras possibilidades do ambiente *www*, emergiu e ganhou força em um momento o qual:

a) os ambientes digitais eram ainda informacionalmente escassos, com poucas modalidades de comunicação, focando sobretudo em textualidade; b) não havia massa crítica de pesquisadores advindos de populações racializadas nos países de diáspora africana; c) a pretensão de neutralidade das plataformas e mídias, advindas de um tecnoliberalismo em consolidação, já se fazia vigente (SILVA, 2020, p. 122).

106 Ou seja, isto quer dizer a ausência de uma população negra que estimulasse, desde a concepção inicial dos ambientes virtuais, os debates sobre representatividade, os quais, como sabemos, são manifestações atualíssimas no ambiente virtual, pelo menos no Brasil do século XXI. Ele aponta inclusive que a lógica do *Vale do Silício* e de seus conglomerados é racializada, “[...] a partir de uma lógica da supremacia branca” (SILVA, 2020, p. 122). O que subentende o contexto geral no qual a internet 2.0 fora cunhada e estabelecida.

As marcas do racismo se estendem desde as relações de gênero, onde, segundo Trindade (2020), as mulheres de classe média são as que mais sofrem, contabilizando 81% dos casos; até temas relacionados ao emudecimento de importantes debates a respeito, por exemplo, do Dia da Consciência Negra e a descontextualização das camadas históricas do próprio racismo, no tocante às temáticas da apropriação cultural, o chamado *blackfishing*. (SILVA, 2020, p. 122)

Na era do *big-data*, isto é, dos algoritmos com a capacidade inteligente de refinamento de busca e tomada artificial de decisões (que antes eram tomadas por seres humanos), o estigma segue o mesmo: os diversos filtros presentes nos ambientes virtuais, segundo Silva (2020, p. 123, 124), que intitula o assunto de “racismo algorítmico”, acompanham a lógica perversa da exclusão, por meio de “dispositivos midiáticos como análise de recomendação de conteúdo, anúncios, reconhecimento facial e visão computacional, buscadores e outros”. Luís V. P. Trindade (2020, p. 26) comenta que com o crescimento das redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas (como *WhatsApp*, *Youtube*, *Twitter*,



Facebook, Instagram etc.) ocorreria também o aumento dos chamados “discursos de ódio”.

O pesquisador sinaliza a ocorrência de pelo menos 632 aparecimentos do assunto “discursos de ódio” em reportagens de jornais diversos, trazendo à tona a interessante “coincidência” de que o assunto vigorou e viralizou a fimco justamente quando o Facebook, famosa rede social, alcançou, em 2012, a marca de um bilhão de usuários (TRINDADE, 2020, p. 27). Apesar da temática – “discurso de ódio” – ser espraiada por diversos âmbitos e categorias sociais pelo mundo, bem como, outros tipos das chamadas “minorias sociais”, no Brasil, predominam questões de ordem racial contra pessoas negras. A pauta do *colour-blind*, isto é, a ideia de que as diferenças raciais na internet seriam irrelevantes, segue, na verdade, muito mais como algo perverso e infundado do que algo realizável, assim, invertendo as ordens de aparição: nos ambientes públicos reais, relatos de discursos de ódio de cunho racista diminuiriam, enquanto nos ambientes virtuais têm aumentado.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

E o que isso tudo teria *a ver* com a teoria crítica? Não seriam abruptas as eventuais aproximações temáticas? Nossa resposta, célere, é que não. Entretanto, hão de haver diferenças nos modos e períodos os quais os debates aqui expostos acontecem, no tocante à temática do preconceito. Em primeiro lugar, na teoria crítica, o ritmo central do debate operado pelos teóricos segue a alcunha do discurso ideológico, de cume fascista; palavra que, inclusive, sofreu um alargamento teórico-conceitual, diante de seus volumosos usos recentes, principalmente, com as tomadas políticas do liberalismo conservador e do chamado *endireitamento* do mundo.

Em segundo lugar, historicamente, era inimaginável conceber a instantaneidade de informações em larga escala, do mundo contemporâneo em que vivemos; muito em razão de a partir do início da chamada *revolução informática* ou *digital* (que se inicia nos anos cinquenta e irá ter como ponto alto os anos setenta) ter modificado rápida e circunstancialmente todo globo, como se o efeito daquilo que os geógrafos humanos atribuem sob o título de “globalização”, realmente tivesse se cristalizado e efetuado com otimização. No entanto, para além destas pequenas diferenças, temos, de outro lado, uma série de inúmeros ganhos teóricos. Ganhos estes que nos servem de instrumentais e chaves de análise.

Já fora mencionado: o preconceito, para os teóricos críticos, ou para as demais lavas do pensamento ocidental, seja da filosofia, sociologia ou de outras áreas das ciências humanas (e aqui gostaríamos de lembrar de Michel Foucault), não é algo inato aos sujeitos. Pelo contrário, na raiz histórica do ocidente, se pensarmos apenas nas discussões acerca da *tolerância*, que se manifestaram a partir das constantes tensões



entre católicos e protestantes, por volta de meados do século XV, o preconceito e a intolerância em relação à religião do outro, por exemplo, já se predispõem em viés cultural.

Seria ingênuo e errôneo achar que a internet se sobressairia em relação a tal questão, eliminando-se e abstando-se, por ser um ambiente “democraticamente perfeito”, como outrora fora pensado; assim como seria igualmente errado achar que a teoria crítica, ou quaisquer outros filósofos e pensadores, dariam ou dão conta de lançar por terra, totalmente, o preconceito e outros estigmas sociais, com alguma teoria ou pensamento. Devemos ter em mente que a internet fora pensada e criada por pessoas. Contudo, justamente, só e somente pela exposição dos discursos perversos à sociedade e à cultura – os discursos que escondem perigos –, que poderemos ter um ponto de partida educacional e emancipador dos sujeitos. E é neste sentido que a teoria crítica ainda é atual, pois, por meio da exposição de certos discursos foi que se escancararam as técnicas dos agitadores fascistas; e é só por meio da denúncia teórico-argumentativa que teremos condições de reduzir e resistir a frequência de tais fenômenos. Não podemos esquecer que a internet 2.0 é um ambiente deveras novo e que, ao passo desta juventude, ainda engatinhamos para entendê-la e manuseá-la da maneira correta; ainda carecemos em muitos aspectos de leis que promovam arestas que nos assegurem de pessoas mal-intencionadas no ambiente *online*. Neste sentido é que os filósofos do Instituto nos entregam um arquétipo não finalizado, todavia, *maleável* ao nosso tempo.





## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução: Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar. 1985.
- ADORNO, Theodor W. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. Traduzido por Felipe Catalani. São Paulo: Unesp, 2020.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III). Trad. Selvino J. Assmann. SP: Boitempo. 2008.
- BIRHANE, Abeba. Colonização Algorítmica da África. In: SILVA, Tarcízio. (Org.) *Comunidades, algoritmos e ativismos digitais*: Olhares afrodiáspóricos. Consultoria Editorial: LiteraRUA – São Paulo, 2020.
- BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo*. Tradução: Mario A. Marino & Eduardo A. C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia. 2019.
- BURIL, Bárbara & CAMPELLO, Fillipe. “Indústria Cultural 2.0 & Net Art”. In. Revista Arte ConTexto, ISSN 2318-5538, v.4, nº11, nov., 2016. Disponível em: <[http://artcontexto.com.br/artigo-edicao11\\_barbara-filipe.html](http://artcontexto.com.br/artigo-edicao11_barbara-filipe.html)>. Acessado em: 01 fev. 2021.
- CROCHIK, José Leon. Preconceito, indivíduo e sociedade. *Temas psicol.* [online], v. 4, n. 3, p. 47-70, dez.1996. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1996000300004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000300004&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 01 de fev. 2021.
- DE FREITAS, Felipe S. (Neo)Liberalismo e homo oeconomicus como perspectivas biopolíticas. *Occursus – Revista de Filosofia*. v. 5, n. 1, p. 270-290, 2020. Disponível em: <<http://www.seer.uece.br/?journal=Occursos&page=article&op=view&path%5B%5D=3963>>. Acessado em: 01 fev. 2020.
- DUARTE, Rodrigo. Indústria Cultural 2.0. *Constelaciones: Revista De Teoría Crítica*, [S.I.], v. 3, n. 3, p. 90-117, 2016. Disponível em: <<http://constelaciones-rtc.net/article/view/750>>. Acesso em: 01 fev. 2021.
- DUARTE, Rodrigo. Indústria cultural 2.0. In: DUARTE, Rodrigo. *Varia aesthetica*: ensaios sobre arte e sociedade. Belo Horizonte: Relicário, 2014.
- FLECK, Amaro. Afinal de contas, o que é teoria crítica?. *Princípios*: Revista de Filosofia (UFRN), v. 24, n. 44, p. 97-127, 21 ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.21680/1983-2109.2017v24n44ID12083>.
- FREUD, Sigmund. (1918). Tabú de la virginidad. In: *Obras completas*, v. XI. Buenos Aires: Amorrortu Editores. 1976.
- FUKS, Betty Bernardo. O pensamento freudiano sobre a intolerância. *Psicol. clin.* [online], vol. 19, n. 1, p. 59-73. 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652007000100005>
- HAN, Byung-chul. *Psicopolítica*: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução: Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Âyné. 2018.
- HAN, Byung-chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª. ed. Petrópolis/RJ: Vozes. 2017.
- HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor W. Preconceito. In: HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor W. *Temas básicos de sociologia*. São Paulo: Cultrix. 1978.
- HORKHEIMER, Max. Teoria tradicional e teoria crítica. In: BENJAMIN, Walter. et al. (Textos Escolhidos). *Os Pensadores*. Traduções de José L. Grünnewald et al. São Paulo: Abril Cultural. 1980.
- HORKHEIMER, Max. A presente situação da filosofia social e as tarefas de um instituto de pesquisas sociais. *Praga*: estudos marxistas. n. 7, 1999, p. 121-132.
- LAVAL, Christian, & DARDOT, Pierre. *A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Trad.: Mariana Echalar. SP: Boitempo. 2016. (Kindle Edition).



- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1ª. ed. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MARX, Karl. *Teses sobre Feuerbach*. S/L: Ridendo Castigat Mores, 1999. (Versão para ebook) Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/feuerbach.html>>. Acesso: 01 fev. 2021.
- MBEMBE, Achille. *Brutalisme*. Paris: Editions La Découverte. 2020. (Kindle Edition)
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 Edições.
- MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. Tradução: Claudio Marcondes. SP: Ubu Editora. 2018.
- MOROZOV, Evgeny. *The net delusion: the dark side of the internet*. New York: Public Affairs, 2011. [Kindle Edition].
- POLIVANOV, Beaatriz. et al. (Orgs.) *Fluxos em redes sociotécnicas: das micronarrativas ao big data*. São Paulo: INTERCOM, 2019.
- SANTOS, Boaventura de S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos Avançados*, vol. 2, n. 2, p. 46-71. 1988. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8489>>. Acessado em: 01 fev. 2021.
- SILVA, Tarcízio. (Org.) *Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiáspóricos*. Consultoria Editorial: LiteraRUA – São Paulo, 2020.
- SILVA, Tarcízio. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. In: SILVA, Tarcízio. (Org.) *Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiáspóricos*. Consultoria Editorial: LiteraRUA – São Paulo, 2020.
- SILVA, Tarcízio. Teoria racial crítica e comunicação digital: conexões contra a dupla opacidade. In: POLIVANOV, Beaatriz. et al. (Orgs.) *Fluxos em redes sociotécnicas: das micronarrativas ao big data*. São Paulo: INTERCOM, 2019, pp. 127-156.
- TRIMMEL, M. Homo informaticus: Thinking and moral values of humans are shaped by human-computer-interaction. *Res Rev Insights*, vol. 1, n. 1, p.1-4, 2007. DOI: <https://doi.org/10.15761/RRI.1000106>.
- TRINDADE, Valério P. Mídias sociais e a naturalização de discursos racistas no Brasil. In: SILVA, Tarcízio. (Org.) *Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiáspóricos*. Consultoria Editorial: LiteraRUA – São Paulo, 2020: p. 25-41.
- TÜRCKE, Christoph. Sociedade da sensação: a estetização da luta pela existência. In: ZUIN, Antônio; PUCCI, Bruno; RAMOS-OLIVEIRA, Newton. (Org.). *Ensaio Frankfurtianos*. São Paulo: Cortez, 2004.

